

baqui delizimos: 1.^o, que bem assim como
no homem trivial, as operações que
nelle se fazem, se referem á personalidade
humana, apurar, de algumas vezes,
ter por sujeito a alma, e outras vezes,
o corpo; assim também, todas as opor-
ções que se davam no homem p.
Christo, se referiam á Pessoa do
Verbo, á elle unida hypostaticamente,
muito embora, algumas vezes, ti-
vessem por sujeito a sua Humanidade,
e outras vezes, a Pessoa do Verbo divino,
a qual, como dissemos, occupava
o lugar que deveria occupar a
pessoa humana, se o Verbo divino,
não a assumisse.

2.^o, que tendo o Verbo divino, assu-
mido uma natureza semelhante a
nossa, elle se identificou - de
tal forma com ella, quanto ao
que constitue a sua essência e
as consequências da culpa original,
compatíveis com a sua natureza
divina, que n'ello, então elle
e um outro homem, apparente-
mente não havia nenhuma dif-
ferença, nem a que resultava
da sua magistral e compartuna
moral e physica.

Assim é que, apesar de haver assum-
ido a natureza humana, com
todas as suas imperfeições decurrentes
da culpa original e compatíveis com
a sua natureza divina; elle não
naveu contaminado da culpa ori-
ginal, nem estava sujeito a paixões
desordenadas, porque, nelle tudo
era bem ordenado, e abin d'isto,
nem o concepcivel não o in-
concepcivel, pois am ultimas passas

seus limites, penetrando nos domínios
da razão, não perturbá-la; muito em-
bora exteriormente se manifestasse
na mesma forma que em tais circum-
stancias, o homem trivial, continua
a manifestar-se.

E assim como, pela dignidade do
princípio do Verbo divino, as paixões
não podiam ultrapassar os limites
do psychismo ^{inferior}; assim tam-
bem, as operações ^{superiores}, não
podiam ir além dos seus limites, com-
prometendo a Pessoa do Verbo divino.

Quem portanto, se contristava, soffria e
agorizava; quem se alegrava e exultava,
quem murmurava palavras, sentia, se emocio-
nava e estava sujeito a estas mudanças
e modificações era o homem ^{q.} Christo na
Humanidade de ^{q.} Christo, a qual porque
estava unida hypostaticamente ao Verbo
divino, si elle se attribuiam todas
estas modificações e emoções, que se
davam na alma e no corpo de ^{q.} Chri-
sto, precisamente como succede com
o homem trivial, estas accções, se refe-
rem si sua personalidade humana,
avinda que tenham por sujeito a alma
ou o corpo humano.

3.^a, que assim como a alma humana,
última e primario termo individualmente
da natureza humana, com prividade me-
taphysica, uniu-se ao que constitue
a essencia humana e logo em seguida,
ao corpo humano; assim tambem
o Verbo divino, com prividade igual-
mente metaphysica, uniu-se a al-
ma do homem ^{q.} Christo, entrando na
quelle mundo instante, em que Maria
Anteyima o concebeu, mas attribuição
da personalidade humana, com a
unioe logo em seguida ao ^{seu} corpo & etc.

sem nunca mais abandonar nem o seu
corpo nem a sua alma nem sequer por
um átomo de tempo. E tudo quanto, desde
então, se passou ou se operou no homem
J. Christo, se attribua a Pessoa do Verbo.

4.^o, que a Pessoa do Verbo divino está uni-
da hypostaticamente ao homem J. Christo,
não já para vitalisá-lo ou informá-lo,
informar o seu corpo, substituindo a
alma humana, como se da com o
homem trivial; mas sim, para
valorisar as suas ações e soffrimentos,
tanto elles com merecimentos infinitos,
visto a pessoa de J. Christo não ser como
a nossa que resulta da união substancial
da alma com o corpo; mas sim da união
hypostatica da Pessoa do Verbo com a hu-
manidade de J. Christo.

De sorte que J. Christo, não é só a hu-
manidade de J. Christo, nem só a Pessoa
do Verbo divino, mas uma pessoa
substancialmente divina e humana, que
resulta da união hypostatica da Pessoa
do Verbo divino com a Humanidade
de J. Christo.

5.^o, que J. Christo tinha sempre presente
a Pessoa do Verbo divino de um modo expe-
rimental, muito embora espiritual e incom-
paravelmente superior e mais profunda do
que a que gozavam os santos na terra
e hoje gozam no Céo.

De forma que Deus operava com elle
prodigio, afindo que J. Christo não perma-
nencia em um continuo extase, como
aquella que por alguns momentos se deu
com elle; quando diante dos seus discipulos
se se transfigurou no monte Tabor.

6.^o, que J. Christo nunca perdeu de

4
vista a presença do Verbo divino, não menos
na mais de suas occupações, e accessos as mais
indifferentes; e que, não o Verbo divino
por um só instante deixou de estar
unido a elle hypostaticamente quando
vivo nem mesmo depois de morto,
deixou de permanecer unido a seu
almo e ao seu corpo, morto e re-
suscitado.

Agora compratunda - u - ha porque é
que não podemos dizer que J. Christo,
como nós, se contristava, se indig-
nava, etc.; pois, muito embora
estivesse sujeito a todas as infirmitades
provenientes da culpa de origem, com-
partilhava com a sua divindade; todavia
elle não podia exceder - u - como nós,
porque todo em J. Christo, estava bem
ordenado, não só pelas suas purificações
e virtudes eminentes; mas ainda porque
elle tinha sempre presente a Pessoa do
Verbo divino.

Esta presença continua do Verbo divi-
no, não impedia que elle soffresse mor-
tal e physicamente, ou que os seus soffi-
mentos fossem de alguma forma atle-
mados; antes, pelo contrario, a presença
do Verbo divino contribuia para que elle
mais soffresse ainda mais como homem,
e como Deus, porque a sua pessoa, era
a Pessoa do Verbo divino.

Mas não obstante isto, elle respirava
em gozoso, porque no mais de suas
atrocidades e soffrimentos reconhecia
que foy a vontade de seu Pai celeste e
que soffria para salvar a humani-
dade; tal qual como os martyres ou
a mãe que soffre as mesmas dores
opressivas de tanta que trovava con-
formação para salvar o seu filho.

suffra, por um ao mesmo tempo esculta
 porque conseguia salvar um filho.
 Assim é que se multiplicamos em um só
 homem todas as suffrimentos moraes e
 physicos pelos quaes tem passado a humani-
 dade atravez dos seculos, se apprehendiam
 como uma gotta de agua sobre immenso
 e infinito mar de suffrimentos no qual
 Christo debalava - e como uma nave
 frageira no meio de solidão das mares.
 Não visto, é preciso levar em conta
 que conquistando Christo, como homem
 se encontrou a martirio horror ante
 a consideração das suffrimentos que
 lhe estavam reservados; elle não os
 repellia; mas, conformando - e con-
 siderando levemente, os abraçava
 com a mesma effusão de affecto com
 que abraçava espiritualmente o Verbo
 divino em elle unido hypostaticamente.
 E não só os abraçava com humilde
 affecto, mas ainda soffria de morte
 e mais fútil, não só quanto a sua
 intensidade moral mas também phy-
 sica; tornando - e por este mesmo
 motivo o rei da dor e o martyr
 por excellencia.

É o que mais admira e nos enche
 de amor e ternura, é que sendo suf-
 frimento para nossa redempção, uma
 lágrima, uma ou mais em suspiro,
 elle quiz; não obstante isto, ser como
 que esmagado pelo ingente peso dos
 mais emmiendo e indigivéis suffri-
 mentos.

É que o que era bastante para nos
 redimir e salvar, não lhe parecia
 sufficiente ao amor que desde as
 eternidades, elle manifestava para com o
 homem, quando a sua imagem e semelhança

8
Arcanos da Eucharistia.

Dom João Baptista de Almeida

Se, quando amamos, poderemos realizar a fusão de nossas almas, a união pelos sentidos, ou não se effectuaria & caso que se possa realizar, seria de uma outra forma. Porque o gaudio resultante da fusão das almas que se amam, seria tão intenso que o pensamento ou o desejo da união pelos sentidos, não poderia movel-as a procural-a, em vista desse estado como que estatico, que a fusão das almas como a carnal. E não obstante esta impossibilidade, as pessoas que se amam, não se des-çam; mas premeam, através das manifestações affectivas, esta ineffavel união ou fusão das almas.

Sigmal é, portanto, que este unimento e desejo immato, impossivel de realizar-se na vida de aqui, realizar-se-ha na vida de alim tremulo; quando unida a creatura ao seu Criador, mas almas fundiu-se-hão em um estado eterno, no qual o ideal do tempo, realisar-se-ha na eternidade da maneira a mais perfeita segundo os motivos que na terra a união pela intelligencia e o coração consentaneos, a sua natureza de ser vivois, e a sua vocação e ao seu estado.

Pois bem, o meu mais seguro e a certeza para já iniciarmos aqui na terra, esta fusão de nossas almas, e unimo-nos intimamente com a santissima alma de Jesus Christo, no sacramento da Eucharistia,

6
Tão e qualquer união, portanto, seja ella pela intelligencia e o coração, seja tambem pelos sentidos ou pelo amor

conjugal, devia servir-nos de meio
para, desde aqui da terra, amando as
criaturas, podermos realisar de alguma
forma e iniciarmos esta fusão de nossas
almas unido-nos, com as devidas dis-
posições á santissima alma de J. Christo
no ineffavel sacramento da Eucharistia.
E é de tanta importancia medida que
toda e qualquer união com uma creatura
com o seu Criador, humanamente fal-
lando, tornar-se ha impossivel ou in-
eficaz, na presente economia divina,
se não procurarmos de alguma forma
unir-mo-nos á santissima alma de
J. Christo, principalmente no sacramento
do seu amor.

E foi talvez esta a causa pela qual
J. Christo quiz manifestar os segredos de
seu santissimo Coração, em cujos se-
gredos se ha impossivel pre-
stare um primariamente realisar:
mas a fusão de nossas almas com
a santissima alma de J. Christo.

Continuação do mesmo Cap.
 Arcanos da Eucharistia.

Quando a sacristia diz este é o meu
 corpo, J. Christo como que se encarna
 em nossas mãos. E quando elle pronuncia
 aquellas palavras: Este é o meu sangue
 elle é immolado de um modo incrementa-
 l e é por este motivo que o sacrificio do
 altar, tem o mesmo valor e é identico
 ao que se opera na Calvaria, de um modo
 incrementa, quanto as nos inoffensivos cor-
 sequencias.

E quando a alma, devidamente disposta,
 o recebe como sua comida e bebida
 espiritual, elle é como que repellido,
 para umitar gloriosa e mysticamente
 na alma, á qual, a sua santissima
 alma, uniu-se intimamente, rea-
 lisando a mais sublime fusão, no
 intuito, de conduzir-a com deus a
 vida eterna.

Promptifica-te, portanto, e se ali agora
 ainda não o fizeste, para que, com
 as dividas disposições proximias e re-
 motas, possas receber, de ora avante,
 este pão dos anjos; e assim, te aj-
 dando podras conservar a tua
 alma sempre unida intimamente
 com a santissima alma de J. Christo.

União mística.

Na união transformante ou deifi-
cante, o último termo a que se pode
allegir, com relação a união de
creatura com o seu Criador, bem neste
caso personifica intimamente união
com os almas, e ella tem plena
consciência desta intima união
pela intelligencia e o coração.

Na união, porém, que se dá entre
J. Christo e a pessoa que o recebe
no sacramento do seu amor, com
quanto esta união seja também a
mais intima e perfeita; todavia,
ella não é permanente, porque
pudera envolver os accidentes
sacramentales produzidos em um estado
normal ou natural, deixando J. Christo
to de permanecer sacramentalmente
na alma, para continuar unido a ella
pela sua graça; e se a alma não está
de um modo esperimental embora
espiritual, a presença de J. Christo,
como não se dá com as pessoas
favorecidas, e com a sua sola ora-
ção da união mystica.

Em virtude isto, se ella se apresen-
ta deste sacramento devota-
mente disposta, pelos sentimentos
de fé, ella experimenta os effectos
desta ineffável união.

Além disto, é preciso ter em mente
que se unido J. Christo á alma
de quem o recebe no sacramento
da Eucharistia, a alma e o corpo
indirectamente, communica J. Christo,
participando com virtude das graças produ-
zidas a natureza de J. Christo, e a união
de propria vida com a união de vida
de J. Christo.

12 34
Qualidades ineflavas que são irão sobre
seguir desta vida, como que umbalado
mancha e fudisquado o meu corpo, para
que quando a minha alma me levantar
e eu fôr para a união de meu
próprio corpo, possa elle me revestir
das ^{suas} qualidades dos corpos gloriosos.

E é por isto que o sacerdote quando se
a communhão diz: Corpos dei N. S. J. C.
custodiat. animam tuam in vitam
aeternam, e por conseguinte, também
o meu corpo digno de nutrir, e
servir a carne.

E esta é a razão porque São Thomaz
de Aquino, contemplando as
maravilhas d'isto, e assombrado,
diz na apósta e honra recoberta: Qui
propter Christum mortificatus sum; Corpus
Christi in terra mea, non absolute
nunc, appropinquante, se referit
ad divinitatem deus. Christo, porque
seu o fôr de J. Christo e da Verbo,
unido intimamente a minha alma
com a Santissima alma de J. Christo,
e não indirectamente por um corpo,
unido juntamente a Pessoa da Verbo
divina e por conseguinte a mesma
natureza divina.

Esta é a razão também porque o
profeta, considerando as palavras
do sacramento da Eucharistia, diz
Vos dii estis; pois, realmente, unindo-
se a alma de J. Christo a alma
de quem o recebe sacramentalmente,
de alguma forma torna - se a compa-
rtefante da natureza divina,
em virtude das graças obtidas,
das quas Deus eleva o homem
a revivência.

Na união transformante edificante, ultimo termo ao qual, sobre esta terra, pode attingir a creatura, a alma permanece intimamente unida ao Creator, e tem consciencia desta intima união pela intelligencia e o coração de um modo experimental, ainda que espirital.

Na união, porém, que se dá entre J. Christo e a pessoa que o recebe no sacramento do seu amor; conquanto esta união seja tambem a mais intima que se pode imaginar de mais da união da alma com o corpo e a da união hypostatica entre a humanidade de J. Christo e a pessoa do Verbo divino; todavia, ella não é propriamente, porque persista emquanto os accidentes e caracteristicos permanecem em um estado natural, deixando, depois, J. Christo, se permanecer sacramentado em nossas almas, para continuar unido a ellas pela sua graça.

É conquanto a pessoa que o recebe, não tenha consciencia, como acontece com a união transformante; ella a tem, não obstante isto, pelo sentimento da fé e pelos effectos que a presença de J. Christo no sacramento da Eucharistia, se opera nas almas que o recebem devidamente dispostas.

Além disto é preciso não esquecer que se unindo J. Christo á alma de quem o recebe neste sacramento, unio-se tambem, indirectamente, ao seu corpo, o qual em virtude deste duplo contracto, vivia como que se espiritalizava, vivendo, até que um dia ha de espiritalizar-se definitivamente, quando, depois da resurreição, se unirá ao seu corpo, que então vivificará

^{A vida}
A graça é para a alma o que a alma é para o corpo.

Um corpo sem alma, é um corpo morto, e um alma sem a graça, é um alma espiritualmente morta.

Para um corpo morto, não ha, naturalmente fallando, nenhum meio para fazel-o voltar a vida; mas para um alma moralmente morta, deixou J. Christo deus meios para resuscitá-la a vida da graça; isto é, o sacramento do baptismo e o da penitencia.

Além disto, instituiu J. Christo outros sacramentos que não só augmenta e conserva a graça santificante, mas também une intimamente a creatura ao seu Criador.

União ineffável que com quanto mais se torne consciente, senão pelo sentimento da fé; não obstante isto, é real, e verdadeira união, e tão real e verdadeira que aquelles que, com as devidas disposições, se aproximam deste sacramento, poderão dizer com exag: gra: Vivo ego. fiam moror ego, porque elles não vivem da propria vida, mais sim da vida e inspiração de J. Christo. Porque assim como quem come e bebe, nutre a comida e a bebida em sua propria substancia; assim tambem quem se nutre deste pão e desta bebida celestial, e carne que não sóvida pela divindade e vivirá da vida da propria ^{de J. Christo como o corpo vivo} ~~vital~~. E ^{da vida da alma q. o infirmo.}
foi por esta razão, que referindo-se J. Christo aos arreanos da Eucharistia, disse com ternura: Minha carne é verdadeira comida e meu sangue, é verdadeira bebida; pelo que quem comer de minha carne e beber do meu sangue, não morrerá, mas viverá sempre.

Pelo que, quem recebe devidamente disposto a J. Cristo no sacramento da Euchaustia, a elle se une mais intimamente que os pastores quando o adoraram na gruta de Belém; a elle se une mais intimamente do que Simão quando o recebeu em suas braças; mais a elle se une mais intimamente do que Magdalena quando lavou com suas lagrimas os seus pés e os embuçou com os seus cabellos, a elle se une mais intimamente do que esta unida a nossa alma ao nosso corpo, porque nem os anjos, nem os santos, nem os vivos, nem a terra nem o arvoredo, poderão jamais separar algum elle pelos os vinculos mais sublimis de sua caridade uniu ao seu corpo, á sua alma, a sua divindade da maneira a mais íntima, a mais perfeita, depois da que gozam no Céo os celestiaes comprehensores. Razão pela qual quando apprehender a sua divindade, fazer com que os que o recebiam, que se em muito experimental ainda que es. spiritual, experimentalmente as ineffáveis effectos desta união, entao como que transfigurando n. entravam em mais intimas relações.

Segue-se daqui que o mais mais seguro e efficaz para nos conservarmos em graça e augmental-a; para vencermos os nossos peccados, mais habitos, como tambem os peccados veniaes e tantas outras imperfeições decorrentes de nossa decaída natureza, no intuito de unirmo-nos cada vez mais com Deus, e tornar supportavel as agueras e contrastes desta vida; e unites em apressarmos-nos com favor sempre crescente, com confiança, e simplicidade de coração deste ineffa-

sacramento. Lembra-se, nos cento e cinco
mais, no momento em que o recebem
que nos unimos mais intimamente ao
J. Christo, do que dois amigos que depois de
marchar, se abraçam; e que todo quan-
to pedirmos, elle não nos negará, ainda mais
que se trata de graças temporarias, com-
que o façamos abastados de condições.

Devemos tambem lembrar-nos nas nossas neces-
sidades, que ainda depois da decomposição dos
accidentes eucharísticos, J. Christo continua
a permanecer com nos, com uma graça,
talqual como succede com o flor que
subsiste do ambiente, ainda por longo
tempo, e continua a proporcionar.

Circumsta. 1.ª, a qual muito
contribui para a que o não fure-
mos de v.ª, continuamos a per-
manecer com a elle, ainda mesmo
no mais longa e occupação mais
indifferente.

Pelo que, de accordo com a tua con-
fissão ou director espiritual, te apossimarias
deste sacramento, com desejo sempre crescente
de progredir na virtude e no amor para
com Deus, procurando cessar o seu
coração e seu refranço a tantas in-
gratidão e falta de correspondência,
principalmente por parte daquelles que
mais deviam amar-o neste seu sacra-
mento do amor, e mais flagrantem-
ente pelos homems. E as consequências desta
quasi habitual remissão com J. Christo
eucharístico, este contacto com ma-
nifestação Humanizada, manifestar-se-
ão, de tal forma, que, como Maria, an-
te tuas esta vez mais inclinada
a viver ao pé de Jesus sacramental,
nos silencia tão eloquente para a
quem o amor e sente que é tambem
por elle amada.

^{tem} Mas para que ^{se} tudo isto possa ^{se} realizar - e
 em cada um de nós, e' necessario que
 expunhamos a nossa graça; a fim de que,
 como J. Christo, com J. Christo e por amor
 a J. Christo, nos transfigurarmos e vi-
 gamos nos Tabos pela dô e o amor.
 E esse Tabo e' precisamente a purificação
 christã, á qual somente poderemos che-
 gar pela identificação de nossa von-
 tade com a vontade de nosso Pai
 celestial.

R. R. T. Almon de Jesus Christo.

Se ~~nos fosse~~ estado, quando amarmos,
~~for~~ ^{possamos} realizar ~~na~~ a fusão de nossas almas,
 a união pelos sentidos, ou não se effectua-
 ria ou se realisaria de uma outra forma.
 Por que o gaudio resultante desta fusão,
 seria tão grande que o pensamento de
 desejo da união pelos sentidos, não move-
 ria a nossas almas a procural-o, em
 vista d'esse estado, como que estatico,
 que a fusão das almas seja que se amam,
 comigo acoustacia.

E não obstante esta impossibilidade, as
 fusões que se amam, não se de-
 seguem mas procuram esta fusão,
 através das manifestações affectuosas.
 Significa, portanto, que este sentimento
 e sentimento imato, é impassivel
 de realisar - e na vida é aquem,
 realismo - e. tem em de ação, quando
 se unido, a creatura an um Criador,
 mas almas fêmeis - e. tem em um
 estado eterno; no qual o ideal de
 tempo realisa - e. tem em eter-
 nidade de manifestar a mais perfeita
 e completa.

Ora, bem, o mais mais agora
 e certo, para já iniciarmos nesta

está tão inflavel como fumo, e' uni-
mo-nos intimamente com a santissi-
ma alma, corpo e divindade de Jesus
Christo, porque unidos a alma de J. Christo,
mediante o sacramento da Eucharistia,
realisaremos a fusão de nossas almas
com a S. S. alma, corpo, e divindade
de J. Christo.

Vide a qualque uniao santa, pois, repi-
pela intelligencia e o coração repi tam-
pelas sentidas qual e' a do matrimonio,
devem unir-nos de modo para subsi-
ngui da terra, collocarmos-nos em
condição de podermos, mediante o sacra-
mento da Eucharistia, atriguirmos
de alguma forma aqui no tempo ao
nosso ritual de fusão das nossas almas
com a S. S. Alma, corpo e divindade
de J. Christo nosso glorioso Redemptor.

E e' de tanta importancia esta uniao,
que todo a qualque uniao da creatura
com o seu Criador, torna-se ha im-
possivel ou inefficaz, no presente eco-
nomia divina.

E por talvez esta a causa pela qual
J. Christo quiz manifestar as maravilhas
da sua Santissima Coração, em certos
ocassos, re-unos ha impossivel
pontuarmos, { em primariamente
realisarmos a fusão de nossas almas
com a santissima Alma de J. Christo
mediante o sacramento do seu
amor.

exclusivamente da vida do espirito, como o corpo vive gloriosamente, no sacramento da Eucharistia, tão perfeito e real como vive no Céu em alma, corpo e divindade.

E é por este motivo que o sacerdote quando dá a communhão, diz: O corpo de Nosso Senhor J. Christo quando, consume a tua alma para a vida eterna; e por consequente, também o teu corpo, quando unido a tua alma resuscitar glorioso com'ella.

Daqui podemos deduzir a necessidade que todos temos de aproximarmos-nos, devidamente dispostos, deste sacramento, para que embalsamando nosso corpo para a eternidade, nos liberteemos da corrupção da carne da pecada.

É necessário, portanto, que não só tenhamos attenção aos nossos interesses eternos; mas ainda tratando-se de corpo bem expellido estar material. Lembre-se, não deste meio tão efficaz; porque, a causa de nossos desacertos e desgraças quando tendemos aos objectos de nossa felicidade relativa, é precisamente, porque vivendo mais da vida do tempo, chegamos muitas vezes, a materialisar o nosso espirito, tornando-o pesado e inapto aos vãos, aos quais estão affixas as almas que devidamente dispostas, se aproximam seguras da mesa deste banquete celestial.

19

Arcanos da Eucharistia.

O desprendimento do mundo e de todas as suas invenções; o desprendimento de todas aquellas cousas, que antes ora tanto te attribuiam e que, agora, te parecem insignificantes e de pouco valor; o augmento da devoção, ainda mais unida da aridez; a facilidade com que se renuncias ás culpas unicas e as imperfeições que tanto te attribuiam e te conturbavam; esse bem estar, essa exultação, espiritual que experimentas, muitas vezes acompanhada de uma mysteriosa saudade da Ceu e desejo ardente de uni-te intimamente com Deus; são consequências que sempre tinguem da união de J. Christo eucharistico.

União ineffável, que se aquieta tua fegunda prolebar as suas adoradores, em delicias celestias, constitues uma verdadeira garantia, um verdadeiro salvo conduto para a eternidade. Corpus dni. J. Christo consecrat animam tuam in vitam æternam. Ecce viaticum C. S. J. qui consecrat te in vitam æternam.

É realmente grande e incomprehensivel este indifferuntismo da maior parte da vida humana dos que se aproximam deste ineffavel sacramento, pois, ha pessoas que recebem seguido a Jesus sacramental, e não obstante isto, permanecem sempre no mesmo estado, sem nunca darem um signal dos effeitos salutaros que este divino pão celeste sac prologio nos almas que devidamente dispostas se aproximam de Jesus Christo no sacramento do seu amor. E a razão destes necessarios está em que, alim das disposições formaes e unicas e meritorias, que se recebem na Jesus eucharistica despois de todo o apego aos bens d'este mundo e do amor, ou apego desordenado as creaturas.

Dai-me um alma que viva habitualmente
 em graça, e que além de evitar as culpas ve-
 niais esteja de uma vigilância com as
 impurezas inherentes a nossa natureza
 decaída, detendo as vãos de sua
 natureza, a desordem de sua at-
 intelligência, e as inspirações
 fustigadas de seu amor próprio desordenado;
 dai-me um alma, que se prompto se que-
 ra tudo deixar e abandonar, se não se
 continuar a vontade de Deus; dai-me
 uma alma, numa palavra, que se
 aproximar do altar para receber a Jesus;
 para dizer com sinceridade e verdade,
 meu Deus, tu és o meu tudo, meu Senhor
 tu és o meu Deus, o meu Senhor, o meu
 tudo no tempo e no eternidade; e
 n'essa hora de repleção os charismas
 característicos desta união de J. Christo
 com os que o recebem no sacramento
 da Eucharistia.

~~Meu~~ Não me heis, mas se os santos atri-
 buíam a aproximação do sacramento
 da Eucharistia. Eu vos respondi,
 que elles antes de se aproximarem
 com todas estas vantagens, passaram
 pelas mesmas difficuldades que hoje
 experimentamos, porém, levados pela
 fé e pelo desejo ardente de se unirem
 a J. Christo, a elle se uniram, e assim
 ganharam o seu ideal. Foy portanto,
 por unital-os, e no dia em que
 se reuniram, já estavam unidos a
 elle pela caridade perfeita, antes que
 realmente se unissem a elle mero-
 mentalmente. —

21

Amar a Deus sobre todas as coisas.

Amar a Deus sobre todas as coisas, é

preferir-o a qualquer outro ser espiritual ou material, por mais amado e desejado que o seja.

Logo, este amor além do amor perfeito e absoluto, presuppõe a caridade que é amor igual e impossível agradar a todos, ainda que pelo facto de nos aproximarmos que o prezamos. A todas as coisas, o pademos amor; porquanto a perda da graça santificante, é incompatível com a caridade, sem a qual não podemos merecer para a vida eterna, por mais que façamos para a gloria de Deus e santificação das almas.

As imperfeições e ainda mesmo as culpas veniaes, conquanto possam subsistir com a caridade, porque ella só se perde pelas culpas graves; todavia, nos prejudicam, porque nos privam de muitas outras graças e nos expõem ao perigo de perdermos a graça santificante, por se permittem-nos nas culpas graves.

Os actos de caridade, admittem varios graus de perfeição, segundo a extensão, intensidade e os motivos que os inspiram.

Assim, as funções as quaes além de evitar as culpas mortaes estendem-se na actividade com relação as culpas veniaes e as ~~imp~~ imperfeições, dependentes da vontade; praticam um acto de caridade mais perfeito do que aquelles que evitam unicamente as peccadas mortaes; porque tais actos envolvem simplesmente, um acto de perfeita conformidade ao desejo do bemplacito. É o acto de caridade exclusivamente perfeito.

O acto de caridade intensivamente perfeito, deduz-se da perfeição dos actos de caridade extensivamente perfectos. Este acto exclui todo e qualquer defeito ou imperfeição. Pelo que só pode ser praticado por pessoas perfeitas, e constitui a caridade formalmente perfeita. Pelo que quando nos a caridade formalmente perfeita e por consequente aos actos de caridade intensivamente perfectos, entendemos fallar dos actos de caridade relativamente perfectos tanto quanto a uma intensidade como a uma perfeição.

O valor ou merecimento dos actos de caridade deduzimos dos motivos que nos movem a pratical-os. Assim, o motivo das penas do inferno ou do temor de Deus, é inferior aos sentimentos de gratidão ou da esperança, e são superiores a estes motivos, os que se inspiram nas infinitas perfeições e amabilidade de Deus.

Estes motivos são todos bons, desejáveis e podem se encontrar em um mesmo acto de caridade, como de facto se verifica quando merecemos o acto de contrição. Daqui deduzimos que os actos de caridade perfectos, em um genero, ainda que de um grau inferior, são sufficientes para nos justificar, ainda que não sejam explicitamente acompanhados de outros motivos inferiores menos perfectos como acima dissemos.

O acto de caridade ou de contrição perfeito, elegido pelo motivo de ver Deus infinitamente perfeito, em geral, não se encontra nas recem convertidos; porque elles são feitos quasi sempre, por outros motivos inferiores, embora bons e sufficientes para a justificação, principalmente no sacra-

mento da penitencia.

Não succede assim com as almas mais avançadas nas caminhadas da purificação, porque, sendo mais esclarecidas pelas graças que recebem, são capazes de fazer actos de caridade, e de purificação purgativa, mais ou menos intensiva. Mas estes actos de contrição e purificação, são, relativamente de uma intensidade purgativa, como as almas muito avançadas nas caminhadas do Senhor, e pela sua bondade infinita, favorecidas, produzem emittê-las.

E são precisamente estes actos que, segundo a elevação do motivo e a sua intensidade, cancellam as estygmata dos peccados committidos, depois do baptismo, ainda mesmo antes que o individuo se aproxime do tribunal da penitencia.

Estygmata fataes, que ainda mesmo depois de purgados os peccados, affectam um individuo, não permanecem, e os actos que o commetterem, devido a individuação se aproximam deste sacramento com as condições necessarias, isto é, com a caridade extensiva e intensivamente purgativa.